

CRÍTICA AO LENINISMO

Nestor Makhno

MAKHNO E LENIN: UM DIÁLOGO HISTÓRICO

Lenin, que se interessava muito sobre o que acontecia na Ucrânia, ocupada pelos exércitos invasores, me perguntou várias vezes sobre a atitude dos camponeses ucranianos e, sobretudo, queria saber como haviam recebido localmente os camponeses da Ucrânia o lema “*Todo Poder aos Soviets*”. Expliquei que os camponeses interpretaram este lema à sua maneira. Segundo eles, “*Todo Poder Aos Soviets*” queria dizer que o poder, em todos seus aspectos, devia se exercer diretamente com o consentimento e vontade dos trabalhadores; que os soviets dos deputados, operários e camponeses, locais e regionais, não eram outra coisa que as unidades coordenadoras das forças revolucionárias e da vida econômica, enquanto durasse a luta que os trabalhadores sustentavam contra a burguesia e seus aliados, os social-revolucionários de direita e seu governo de coalizão.

- Você crê que esta interpretação é adequada? - me perguntou Lênin.
- Sim - respondi.
- Neste caso, o campesinato daquela região está infestado pelo anarquismo.
- Isto é mau?
- Não quero dizer isso, ao contrário. Isto me causaria regozijo, pois adiantaria a vitória do comunismo sobre o capitalismo e seu poder.
- Isto é muito lisonjeiro para mim - insinuei.
- Não, não, volto a afirmar seriamente que um fenômeno desta natureza, na vida dos camponeses adiantaria a vitória do comunismo sobre o capitalismo; mas eu creio que este fenômeno, no campesinato, não é natural. Foi introduzido em suas fileiras pelos propagandistas anarquistas e pode ser prontamente esquecido. Até estou predisposto a crer que este espírito, não organizado, ao ver-se sob os golpes da contra-revolução triunfante, já desapareceu.

Adverti a Lenin que um grande líder não podia ser pessimista nem cético, e depois de conversar sobre vários temas, me perguntou que pensava fazer em Moscou, ao que respondi que não tinha intenção de ficar naquela capital, mas de regressar à Ucrânia.

“- Você irá à Ucrânia clandestinamente?” - me perguntou.

“- Sim” - respondi.

Lenin, dirigindo-se ao camarada Sverdlov, disse:

“- Os anarquistas sempre estão dispostos a toda classe de sacrifícios; são abnegados, mas também cegos e fanáticos. Deixam escapar o presente por um futuro distante.”

Voltando-se para mim, pediu que não me desse por citado nestas palavras.

“- A você, camarada, - afirmou - considero como um homem realista, que está preocupado com os problemas atuais. Se na Rússia tivéssemos pelo menos uma terça parte desta classe de anarquistas, nós, os comunistas, estaríamos dispostos a colaborar com eles, sob certas condições, em prol da livre organização da produção.”

Adverti que começava a estimar a Lênin, a quem até fazia pouco tempo havia considerado como o culpado pela destruição de todas as organizações anarquistas de Moscou, o que foi o sinal para destruir as de outras muitas capitais da Rússia. Em meu interior começava a envergonhar-me de mim mesmo e buscava rapidamente uma resposta adequada. Disse o seguinte:

- Todos os anarquistas apreciam muito a Revolução e suas conquistas. Isto demonstra que, neste sentido, todos somos iguais.
- Não me diga isto - retrucou, rindo, Lênin - Nós conhecemos os anarquistas tanto como você mesmo os conhece. A maioria deles, ou não pensam nada sobre o presente, ou pensam bem pouco, apesar da gravidade da situação. E para um revolucionário é vergonhoso não tomar resoluções positivas sobre o presente. A maioria dos anarquistas pensam e escrevem sobre o porvir, sem entender o presente. Isto é o que nos separa a nós, os comunistas, dos anarquistas.

Ao pronunciar esta última frase, Lenin se levantou da cadeira, e passeando pelo salão, acrescentou:

“- Sim, sim: os anarquistas são fortes nas ideias sobre o porvir, mas no presente não pisam terreno firme e são deploráveis, já que não tem nada em comum com este presente.”

A tudo isto, respondi a Lênin que eu era um camponês semianalfabeto e que sobre aquele abstrato assunto dos anarquistas, tal como ele me expunha, não sabia discutir. Mas disse:

- Suas afirmações, companheiro Lênin, de que os anarquistas não compreendem o presente e que não têm nenhuma relação com ele, são equivocadas. Os anarcomunistas da Ucrânia (ou do sul da Rússia, como dizem vocês, bolcheviques) têm dado já demasiadas provas que demonstram sua compenetração com o presente. Toda a luta revolucionária do povo ucraniano contra a “Rada” [governo burguês] Central da Ucrânia se tem levado sob a direção das idéias anarco-comunistas e também, em parte, sob a influência dos Social-Revolucionários, os quais - há que dizer a verdade - ao lutar contra a “Rada” Central, tinham finalidades muito distintas das nossas. Nos

vilarejos da Ucrânia quase não existem bolcheviques, e ali onde há alguns, sua influência é nula.

Quase todas as Comunas Agrícolas tem sido criadas por iniciativa dos anarco-comunistas. A luta armada do povo da Ucrânia contra a reação e, muito especialmente, contra os exércitos expedicionários austríacos, alemães e húngaros, foi iniciada e organizada sob a ideologia e direção dos anarco-comunistas. A verdade é que vocês, tendo em conta os interesses de vosso partido, encontram inconvenientes para reconhecê-lo; mas tudo isto são fatos inegáveis. Vocês sabem muito bem a qualidade e a capacidade combativa de todos os destacamentos revolucionários da Ucrânia. Não em vão sublinharam o valor com que aqueles destacamentos tem defendido nossas conquistas revolucionárias. Pois bem: mais da metade deles vão à luta sob a bandeira anarquista.

Os chefes de destacamento como Makrousov, Nikiforoba, Cheredniak, Garen, Chernyak, Luñev (e muitos outros cuja relação seria demasiado prolixo fazer), são anarquistas-comunistas. Não falo de mim pessoalmente, como tampouco do grupo ao qual pertenço, mas daqueles destacamentos e batalhões, voluntários para a defesa da Revolução, os quais tem sido criados por nós e não podem ser desconhecidos por vossos altos comandos do Exército e da Guarda Vermelha. Tudo isto demonstra o quão equivocadas são as suas manifestações, camarada Lênin, de que nós, os anarquistas, somos incorrigíveis e débeis no “presente”; apesar de que nos agrada muito pensar no porvir. O que foi dito demonstra a todos, e também a você, que nós, os anarco-comunistas, estamos compenetrados com o presente, trabalhamos nele, e precisamente na luta buscamos a aproximação do futuro, sobre o qual pensamos muito e seriamente. Sobre ele não pode caber dúvida. Isto é, precisamente, todo o contrário da opinião que têm vocês de nós.

Naquele momento olhei para o presidente do Comitê Central Executivo dos Soviets, Sverdlov, que havia corado. Lenin, abrindo os braços, me disse:

- Pode ser que eu esteja equivocado.

- Sim, sim! Neste caso, você tem estas opiniões sobre os anarquistas porque está muito mal informado da realidade na Ucrânia, e porque tem, todavia, as piores informações sobre o papel que nós desempenhamos na mesma. Pode ser que gente do seu próprio partido tenha interesse em nos denegrir, para fazer avançar sabe lá que espécie de propósitos inconfessáveis...

- Pode ser. Eu não nego. Todo homem pode equivocar-se, muito especialmente em uma situação como esta, em que nos encontramos nestes momentos - disse Lênin, terminando a conversa sobre o tema.

LENIN E O LENINISMO, OS GUIAS DO PROLETARIADO MUNDIAL?

Em todos os países e, em particular, nos estados que formam a União das Republicas Soviéticas, ouve-se um clamor insistente e delirante: "Lenin é o guia dos trabalhadores de todos os países, construiu uma teoria para os servir, mostrou-lhes a verdadeira caminho da libertação vingadora, etc."

Porém, no mesmo país onde os carrascos brancos e vermelhos, no interesse dos seus partidos, decapitaram a incomparavelmente grande Revolução Russa - a que é libertadora dos trabalhadores - e desviam atualmente as massas laboriosas do seu objetivo verdadeiro, aí mesmo, perdeu-se a confiança em si própria, na força criadora da ação espontânea para a organização da nova sociedade. E este acontecimento ocorreu num país onde rebentou esta grande revolução e onde ela terminou tão prematuramente (bem antes de ter alcançado o seu desenvolvimento completo) apesar do entusiasmo de que as massas trabalhadoras - excluindo Lenin e consortes - estavam animadas!

A tais brincadeiras (para os partidos bolcheviques dos outros países assumem-se como afirmações de grande importância) que não são nenhuma brincadeiras, afinal, mas antes o sinal de uma irresponsabilidade criminosa, respondem em eco os partidários de Lenin nos países estrangeiros. A consequência disto é que, mesmo os não partidários de Lenin, aceitam tais alegações como verdadeiras, os homens-escravos cuja inteligência, a força, a vontade estão prisioneiras dos ferros do capital abjeto e maníaco. Muitos então, burlados e burlando os outros, esganam-se a gritar "Lenin é o guia do Proletariado de todos os países, deu-nos a teoria da libertação, mostrou-nos a via de verdadeira emancipação".

É inconcebível que o burguês Lenin seja o guia do proletariado mundial. Esta pretensão parece-nos infundada, injustificável, aos nossos olhos de camponeses revolucionários, que partilhámos todas as etapas da Revolução Russa e que nos confrontamos com o "leninismo". Colocar Lenin num pedestal nessa qualidade é uma farsa que apenas prova a fraqueza de espírito daqueles que se esforçam a atribuir a este homem a direção do proletariado, embora, na realidade, ele nem se encontrava no país durante a grande Revolução Russa. O assassinio desta apenas ocorreu graças à enorme ingenuidade infantil do povo, e ainda mais por causa das baionetas dos mercenários que, na sua cegueira, se vendiam ao partido leninista.

Em nossa opinião, o colocar-se num pedestal Lenin, como "o guia de todos os trabalhadores do mundo" não é nem mais nem menos do que uma malvada e criminal farsa cometida contra uma humanidade enganada e oprimida, ainda bastante iludida para dar a esta atitude grotesca um valor definido e específico.

O partido socialdemocrata bolchevique, que se designa também erroneamente comunista, e cujo apoio espiritual foi o burguês Lenin (*Oulianov Lenine*) o qual, até ao norte saturou toda a Revolução Russa da sua ignorância científica e do vazio do

marxismo-leninismo, este partido age de mesma forma que a burguesia em relação aos trabalhadores, ou seja, vê neles única e simplesmente escravos fiéis.

De Marx a Lenin, e após o seu desaparecimento, este partido pretendeu sempre ser o educador de toda a humanidade laboriosa, à custa daqueles que trabalham. Ele nem sequer se apercebe que é um educador que se intromete, jesuítico, que se esforça por conduzir a massa oprimida sob a pretensa bandeira da emancipação, embora, irresponsavelmente a desvie por uma aparente vitória sobre a escravatura econômica, política e psíquica. Na realidade, apenas pretende reformar a escravatura da humanidade. Soube demonstrar suficientemente, pelos seus atos durante a grande revolução russa, que sabia ser um excelente carrasco, não apenas daqueles que, num período de luta entre os homens, representam um elemento perverso e corrompido, mas igualmente daqueles cuja impulsão é saudável, pura, bela, que sulcam com nobreza um caminho livre, que trabalham pelo desenvolvimento de todas as forças criativas para o bem do conjunto social.

Mostrou-se um mau educador, e, sobretudo um educador pernicioso.

Os fenômenos que se puderam observar em particular no partido leninista russo também se observam igualmente nos outros países. Um simples fato, como exemplo: vimos os comunistas marchar em grupos pelas ruas, de bengala na mão e porrete dissimulado. Desta constatação insignificante podemos concluir que o movimento bolchevique, durante a Revolução Russa, tinha um caráter mais destruidor que revolucionário. Em outros países reveste-se do mesmo caráter.

O bolchevismo contém em si próprio, ideias insanas para as quais os trabalhadores de todo o mundo não deveriam, em caso nenhum, assumir a responsabilidade. Isso também é por vezes reconhecido no interior das fileiras do partido leninista, embora sempre de maneira confusa. Há ainda milhões de trabalhadores que, por instigação do partido, se consideram chamados a dirigir o destino da humanidade, em vez de pensar numa união livre e fraterna com os camponeses pobres, na livre resolução de seus interesses mútuos durante a revolução. Este pensamento criminoso do partido que envenena trabalhadores - que, na sua vida, apenas sentiram ou pensaram como escravos assalariados, dependentes - este pensamento criminoso, segundo o qual, os escravos têm de decidir sobre o destino de outros, tranquiliza o seu coração. "Ah! O tempo consertará tudo!" É sobre tais palavras de esperança e de expectativa que assentam os mais evidentes atentados cometidos contra a classe trabalhadora, à custa de seu sangue e de sua vida. Escondeu-se dos trabalhadores,

foi-lhes disfarçado o crime cometido contra a revolução e as multidões revolucionárias que se esforçavam, com todo o ardor, em levar a revolução a bom porto, em destruir, de uma vez por todas, a escravidão e libertar-se das cadeias da exploração.

É compreensível que o partido socialdemocrata dos comunistas bolcheviques, perseguindo os seus fins na vida pública e privada, atribua uma grande importância a que Lenin seja elevado à estatura de chefe mundial de todos os trabalhadores; de tal maneira que o seu nome constitua um elo entre o proletariado de todos os países e seu partido. A dedicação de Lenin aos interesses do seu partido, o seu ardor pessoal, são realmente consideráveis. Um partido portador do seu nome vê como seu dever glorificá-lo. E presta-lhe homenagem porque tem necessidade dele como símbolo...

Mas o que é que o bolchevismo leninista tem de comum com as esperanças ardentes da humanidade explorada e exausta? O bolchevismo que desemboca na prática, no direito da dominação do homem sobre o homem; que será reconhecido, por qualquer um que reflita, como detestável e criminoso?

O burguês Lenin, com o seu panbolchevismo, ele e todo o seu partido, ao querer submeter à sua vontade, pela força, a massa dos trabalhadores, está tão afastado dos elevados fins de uma libertação verdadeira como as instituições da Igreja e do Estado, tais como nós as vemos.

Atualmente, esta confusão de ideias parece misteriosa, mas basta reler, de olhos bem abertos, os últimos escritos de Lenin que são, segundo a própria opinião dos bolcheviques, o seu testamento. Em relatório apresentado ao Comitê de Moscou do partido Comunista Russo, datado de 10 de Janeiro deste ano (*Isvestia*, de 14 de Janeiro de 1925). Kamenev comunica as instruções rigorosas sobre o que se deveria dizer acerca de Lenin quando alguém perguntasse, lembrando este testamento do defunto.

A ascensão de Lenin aos cumes celestiais dos quais desce até nós como guia mundial do proletariado, obriga a que digamos duas palavras a este respeito. Assim, no testamento citado por Kamenev, Lenin diz: "Devemos edificar um Estado onde os operários conservarão a predominância sobre toda a classe dos camponeses."¹ Que queria dizer o "guia mundial do proletariado?" Que os trabalhadores que adiram ao partido leninista não deveriam jamais sonhar construir uma sociedade nova em colaboração com a classe camponesa? Ou antes, que ele queria que esta se submetesse ao domínio da sua inconcebível ditadura operária bolchevique? A edificação de um tal

¹ Do original: *Wir müssen einen Staat aufbauen, in welchem die Arbeiter die Oberhand über die ganze Bauernschaft behalten*

Estado, no qual o operário tem o direito de colocar sob tutela toda a classe camponesa, estava ligada muito habilmente, para Lenin, a eletrificação rural. "Se a classe operária quiser dar seguimento a esta ideia, os maiores progressos são possíveis e a grande indústria será criada". "Deste modo", continua o pretense guia mundial de todos os operários "será garantida a transformação rápida de cavalos esfomeados, em poderosos cavalos mecânicos, desenvolveremos certamente uma grande indústria mecânica, eletrificada" e acrescenta: "temos assim a certeza de conservar o poder".

Não é aqui o local próprio para discutir a questão da transformação dos pequenos cavalos em grandes charruas mecânicas. Nós acreditamos firmemente na força criadora dos trabalhadores e estamos convencidos que se eles expropriarem realmente a burguesia de todos os meios de produção, do solo e da propriedade fundiária, saberão bem reorganizar a sua vida e todas as suas relações econômicas e individuais. A tutela ditatorial dos "operários" sobre os camponeses como defendem Lenin, Kamenev, Zinoviev, Trotsky, Derchinsky, Kalin e tantos outros, mostrou-se, na sua aplicação, impotente. Estes apenas conseguiram produzir partidos, compromissos, desvios e recuos do bolchevismo ao fascismo. O terrorismo político dos bolcheviques em relação às ideias revolucionárias e aos seus defensores não difere em nada do terrorismo fascista.

Quando Lenin convida as massas a edificar um Estado onde os operários têm a supremacia sobre a classe camponesa, está a inviabilizar a ideia de uma livre comunidade de trabalho entre os operários e os camponeses; ele coloca a revolução russa numa posição tal que os trabalhadores esmagados caminham para a sua morte. Eles teriam sido literalmente abafados e não teriam a liberdade condicional de que "gozam" hoje dentro da União das Repúblicas Soviéticas se os camponeses tivessem oposto a sua própria autoridade à classe operária. Felizmente, os camponeses da Rússia e da Ucrânia não têm a mínima fé em Karl Marx; eles sabem perfeitamente que toda a violência, seja qual for o nome que tenha, é criminosa e baixa. O camponês russo nunca se sentiu atraído pela violência, sempre a repudiou. Sacrificou a sua liberdade, senão mesmo a sua vida, para proteger "o governo dos operários" contra os ataques da burguesia, pois pensava que o operário no seu íntimo é estranho a todo o despotismo e que o ajudaria a combater a servidão do campesinato. Em vez disso, operários e camponeses, sofreram, uns e outros, uma nova opressão.

A questão que se nos coloca agora é a seguinte: Falar da edificação de um Estado onde uma camada popular exerce o domínio sobre outra - eis aqui a atitude de

um Guia Mundial do Proletariado? Ou antes, a linguagem do chefe dum grupo de homens cujo objetivo, debaixo da pretensa bandeira da libertação real do capitalismo, é levar a cabo uma reforma do sistema capitalista, graças aos esforços dos laboriosos e à sua custa.

Afirmamos que um homem chamado Lenin falou nesse último sentido - que falou na qualidade de representante do partido bolchevique, o qual, embora pretenda pertencer à família dos laboriosos do mundo, não concebe as relações familiares com as massas senão na condição de considerá-las como um meio de alcançar - sem dificuldades - o fim para o qual tende, enquanto partido.

Os laboriosos do mundo ainda não disseram felizmente a sua última palavra: se aceitassem, ao libertarem-se de uma autoridade, colocarem-se debaixo do jugo de uma nova opressão, despótica, mais sofisticada, tão cruel (senão mais) que a que eles queriam derrubar? Os laboriosos do mundo sabem suficientemente que a sua tarefa sagrada é de aniquilar esta nova violência, como todas as outras.

Viver em fraternidade, libertados de toda a dependência e de toda a sujeição servil - eis o ideal inteiro do Anarquismo, que corporifica a sã natureza do homem. O burguês Lenin e seu partido bolchevique combateram sempre este ideal elevado. Pelas baionetas, pelo assassinio, por perseguições às quais expuseram os portadores deste ideal, os leninistas esforçaram por conspurcá-lo, por difamá-lo aos olhos das massas. Em vez dele, tentaram fazer triunfar, graças à força das armas - primeiro, no seio dos trabalhadores e depois, usando-os, em toda a humanidade - um ideal de assassinio contínuo, de violência brutal, de aventuras políticas.

Depois disto tudo, designar Lenin como "o Guia Mundial do proletariado", não será por brincadeira?

Sim, uma sinistra brincadeira, criminosa, de qual é alvo a humanidade exausta, enganada, esmagada.

*** Artigo escrito na Suécia, em maio de 1925. Publicado em *L'en Dehors*, 31 de Agosto de 1925.**

Tradução: Manuel Baptista